

O APRENDIZ

PERIODICO LITTERARIO E RECREATIVO

2º Mez Desterro, 23 de Setembro de 1881 N. 9

Este jornalzinho é propriedade dos aprendizes da *Regeneração*.

CONDIÇÕES

Será publicado este periodico — uma vez por semana.

Assignatura

Por mez..... Rs. 200

Criança!

Como si é criança !... Como si é criança !...

(GÆTNE Werther)

Luiza costurava sempre ao pôr do sol, sentada no portal que dava para o quintal, e brincava-lhe aos pés, no terreiro, o filhinho, mimosa criança loura, coberta apenas com uma camisinha branca, suja !

A casa em que morava era pequena e pobre.

Luiza era costureira.

×

Apezar da magreza do rosto descorado e da languidez dos olhos encovados, facilmente se adivinharia traços quasi totalmente apagados de uma formo-

sura... talvez extincta por que padecimentos !

Luiza fôra bella, com effeito, mas a aurora de sua vida que surgira n'este mundo tão promette-dora de ditosas visões, transformara-se de subito em escura noite, toldada pelas nuvens negras da desgraça.

Luiza se achára sob tenebrosa borrasca — a ventania impetuosa, vendo-a isolada n'este mundo, desilhou a grinalda de virgem que lhe divinisava a cabeça de dezeseis annos !

D'essa noite em diante a pobre orphã desprotegida padecia o que só ella poderia padecer... fome, nudez, vergonha, opprobrio, molestia, emfim tudo o que a infelicidade humana pôde conter.

Depois, veio-lhe o filhinho.

Era lindo como um anjinho, e ella trabalhava para criá-lo, com sacrificio.

×

Quando ella costurava ao pôr do sol, sentada ao portal da varanda, Joãosinho brincava em camisinha junto d'ella.

Quasi sempre, n'essa hora triste da tarde, despertava-se na imaginação da pobre moça a lembrança dos revezes de sua vida, e

enxugava as lagrimas com o lenço para que não manchassem a costura.

Joãozinho vinha então enlascar-se-lhe ao pescoço, beijando-a, afagando-a.

—Porque choras, mamã?—perguntava elle.

Ella passava-lhe a mão pela loura cabeça e beijava-lhe a boquinha entre-aberta.

—Mamã sempre está chorando... Aquella moça ali não chora, não; sempre ri. Ella não costura, toca piano; ella tem vestidos bonitos, a mamã tem esse tão recomendado — por que a mamã não tem um como os d'ella.

—Ella é rica, meu filho, tem muito dinheiro...

—Mas ella não tem dinheiro, não; a mamã tem, porque ainda hoje deu-o áquella pobre que veio cá pela manhã. Aquella moça disse á pobre que não tinha dinheiro...

—E' porque não quiz dal-o, meu filho...

— Ah! foi porque não quiz dal-o? Mas então aquella moça é muito má, não é mamã? Então ninguem vá mais á casa d'ella, ninguem a queira mais na casa da gente. Esses homens todos, essas moças todas, esses meninos todos, todos, não gostem mais d'ella... não é, mamã?

« Ella negou uma esmola á pobre que não tem de comer! Coitada da pobre! Só a mamã é quem

lhe dá de comer e algum dinheiro! A moça rica não dá nada! Pois ninguem goste mais da moça rica, ninguem vá lá mais á casa d'ella, ninguem lhe venda, vestidos bonitos... só para a mamã, sim? »

—Tolinho, disse a mãe, tu ainda não sabes o que é o mundo!

Diria bem a criança, si não tivesse razão a pobre mãe!

INDIO BRAZILEIRO.

Dous martyres da Independencia da Polonia

(EMILIO CASTELLAR)

(Conclusão)

VII

Seguiu-se um dia inteiro de combate.

O sangue correu a jorros por largas horas.

Os filhos da Polonia encetavão novas e desesperadas batalhas.

Todos os homens accodem ao campo para a pugna, e todas as mulheres correm para diante dos altares, para orarem.

Maria resa e chora. Do fundo do abysmo da sua desesperação só se alevanta a voz eloquente das suas preces religiosas.

Cerrárão-se as es; essas trevas da noite, e cessou o combate.

O éxito foi duvidoso, porque a Polonia luta, sabendo que cae !

Um silencio immenso reina sobre a cidade.

E nesta noite havia de ser a bôda de Maria !

Ella tem prompta a corôa de flôr de laranjeira. O seu véo está alli; mas o seu amado... onde estará elle ?

Maria espera-o, e elle não chega. Chama-o e elle não responde.

A donzella desvaira no meio de tanta ancía e coagida por tanta incerteza. Onde terá sido o combate ?!...

Já fóra de si, toma o véo, cinge a corôa, e dispõe-se a partir.

—Aonde está o meu Ladisláo ? perguntou ella ao avô, que, exaustado pela fadiga, jaz ajoelhado aos pés da Virgem.

« Felizes, disse o velho, os que morrem no Senhor ! »

Maria comprehendeu-o. Apesar do escuro da noite e do frio da neve, caminha vestida de branco e embuçada no véo, só, por entre as sombras, como a estatua de um tumulo.

O seio bate-lhe violento; o coração pulsa-lhe com a mesma agitação com que bateria quando ella caminhasse para o thalamo nupcial.

A donzella já não sabe de si. Dirige-se para fóra da Varsovia, ao lugar onde tinha sido o combate.

Busca no meio de uma ancie-

dade indiscriptivel os montões de cadaveres; mas o escuro da noite não lhe deixa distinguir os rostos.

Ouve um gemido, o ultimo gemido de uma vida que se esvae.

E' elle, é elle !

Um raio da lua transluzio então por entre as nuvens, e Maria reconhece o rosto de Ladisláo, já coberto de uma lividez cadaverica. Ajoelha; põe a mão sobre o coração e vê que já não bate; applica o ouvido ao peito e reconhece que já não respira.

— Está morto ! Ai !... E era hoje que havias de receber o meu primeiro beijo de amor !

Maria debruçou-se para cravar os seus labios ardentes de desespero sobre os labios já frios do cadaver.

Sorveu o beijo da morte !

No dia seguinte, erão os cadaveres conduzidos em carros proprios para o cemiterio. Entre os mortos encontrou-se o cadaver de uma donzella, vestida de branco, envolta n'um véo e coroada de flôr de laranjeira.

Saberião os coveiros o segredo d'aquella morte ?

Não sei; e é por isso que não posso assegurar-vos si os dous cadaveres foram enterrados juntos na mesma sepultura.

Maximas e pensamentos

(DR. NABUCO)

A libidinagem e o gozo em demasia, geram a saciedade e trazem o embrutecimento da razão e o tédio da vida.

A usura é o mais rapido caminho do inferno.

A luz baça da orgia em que os mortaes se convertem em verdadeiros escravos da carne, o inimigo das almas sorri de satisfação, contemplando as futuras presas do seu reino.

O baque da pedra que sepulta para sempre o homem no tumulo, marca o instante supremo em que seu nome desaparece do quadro dos vivos, votando-o ao esquecimento.

A calumnia e a maledicencia são as brazas infernaes com que Lusbel ateia o incendio nas almas dos maldizentes e calumniadores, para marear o brilho da virtude e da honra. São tão perigosos esses malvados como os ladrões e assassinos.

Assim como a agua é necessaria para mitigar a sêde e sustentar a vida, a luz para illuminar as trevas, assim como o amor de Deus é indispensavel para o desenvolvi-

mento de nosso futuro na terra e de nossa salvação no céu.

Nos livros, no estudo e na sciencia o homem encontra os mais salutaes e confortativos remedios para as molestias da alma e para o abatimento do espirito.

O que parece, nem sempre é: o sorriso, a meiguice, o rosto angelico da mulher no salão, formam a mascara de que ella usa no carnavaal da vida, para occultar o odio, o rancor, a maldade e o egoismo, que a caracterisam na sombra do lar.

Logogriphe*Ao amigo Mequetrefe*

Eu hei de cumprir á risca—2,3,6
O qu'ensinou-me o general—7,2,6
Pois apesar de bom homem—4,6,2
Faz ás vezes muito mal.—6,5,7

Assim, meu amiguinho,
Toca, toca a decifrar...—3,2,6,7,8
E na historia Sagrada
Acho bom ir procurar! —7,4,1,5

CONCEITO

Qu'estás tu muito risonho,
De ha muito já sabia...
Do conceito não mais posso
Informar... e quem diria?!..

Barbe-Bleu.